

a China e Cambalu Pequim e também visitar as comunidades cristãs do centro da Ásia), L. Jorge, F. Martines, P. Mendes, N. Pimenta, P. Ribeiro, J. da Rocha (trabalhou intensamente em várias missões, baptizou em 1603 Xu Guangji em Nanquim e escreveu alguns textos sobre a religião cristã), J. Rodrigues, Duarte Sande (chegou a Goa em 1578 juntamente com Ricci e Ruggieri e foi o tradutor de uma das primeiras obras em latim impressas em Macau, o *De missione legatorum japonensium ad Romanam Curiam* de 1589), F. da Silva, M. da Silva, M. Soares, J. Soeiro, M. Teixeira, R. Vicente, G. Viegas e R. Viegas.

Como chineses convertidos temos, entre outros, J. Fernandes (Zhong Ming), S. Fernandes (Zhong Mingren), F. Martines (Huang Mingsha), P. Mendes (Qiu Liangou) e M. Pereira (You Wenhui).

Esta excelente obra, pelo seu conteúdo e pelas notas que inclui, constitui uma das melhores formas de homenagear Matteo Ricci, o grande cientista e missionário da China, no centenário da sua morte.

Manuel Augusto Rodrigues

Universidade de Coimbra e Centro de História da Sociedade e da Cultura da UC.

mrodrigues@ci.uc.pt

RICCI, Matteo – *Lettere (1580-1609)*, edição dirigida por Pietro Corradini, elaboração de Francesco D’Arelli e prefácio de Filippo Mignini com um estudo de Sérgio Bozzola. Opera realizzata dalla Provincia di Macerata – Assessorato Beni e Attività Culturali con il contributo della Regione Marche – Assessorato alla Cultura. Macerata: Quodlibet, 2001, 620 p.

As 54 cartas contidas no livro foram todas escritas do Oriente (Cochim, Goa, Macau, Zhaoqing, Cantão, Shaozhou, Nauchang, Nanquim e Pequim) entre 1580 e 1609. O texto das cartas que vem apresentado, salvo poucas variantes expressamente assinaladas, é extraído do vol. II das *Opere storiche del P. Matteo Ricci S. I.*, que foram publicadas pelo “Comitato per le onoranze nazionali” com próêmio, notas e tabelas do P. Pietro Tacchi Venturi S. I.,

Macerata. Stab. Tip. Giorgetti, 191-1913. Foi incluída a carta enviada a Ludovico Maselli, de 29 de Outubro de 1586, que foi descoberta e depois publicada por Pasquale D'Elia S. I. em *La Civiltà Cattolica*, 86, IV, 1935, p. 26-37. O leitor é convidado a consultar o aparato crítico e as anotações filológicas para aprofundar tais aspectos.

A todas as cartas foi acrescentado um comentário que pretende tornar o texto mais compreensível mesmo não especialista e contém as necessárias explicações relativamente a pessoas, lugares, usos, costumes e crenças dos chineses. As cartas que foram escritas quase todas em italiano, algumas em espanhol e oito em português, traduzidas para italiano nesta edição: para Coimbra, dirigida ao P. Manuel de Góis, mandada de Cochim a 18 de Janeiro de 1580; para Coimbra, ao P. Gian Pietro Maffei, de Cochim a 30 de Novembro de 1580; ao mesmo para Lisboa, de Goa a 1 de Dezembro de 1581; para Macau, a Giambattista Román, de Zhaoqing a 13 de Setembro de 1584; para pessoa desconhecida, da mesma terra a 30 de Setembro de 1586; para Macau ao P. Alessandro Valignano, de Shaozhou a 9 de Setembro de 1589; ao mesmo, da mesma cidade a 30 de Outubro de 1589; para Macau ao P. Duarte Sande, de Nanchang a 29 de Agosto de 1595.

Enquanto o texto editado por Tacchi Venturi apresenta em itálico os nomes de pessoas e localidades, a presente publicação só o faz quanto a vocábulos não italianos. O sistema de transliteração usado para as palavras chinesas é o oficial *pinyin* em que o valor fonético das letras é igual ao que elas têm em italiano havendo contudo algumas variantes.

Entre os destinatários das missivas contam-se os PP. Manuel de Góis, Martino de Fornari, Ludovico Maselli, Gian Pietro Maffei, Cláudio Acquaviva e Gian Pietro Maffei, Martino de Fornari, Claudio Acquaviva, Giambattista Román, Claudio Acquaviva, Cláudio Acquaviva, Ludovico Maselli e Giulio Fuligatti, Alessandro Valignano, Duarte de Sande, Girolamo Costa, Cristoforo Clavio, Nicolò Longobardo e João Álvares, havendo uma sem destinatário.

O título escolhido por Filippo Mignini para a introdução desta valiosa obra é "...a quei di diversa natione". Como escreve o autor: «Le Lettere ricciane, forse ancor più dei "commentari" (*Della entrata della Compagnia di Giesù e Christianità nella Cina*, por M. Del Gatto, Macerata, Quodlibet,

2000) sono un documento impressionante della pericolosa potenza inibitoria e aggressiva che la paura dello straniero sviluppa nei rapporti tra i popoli e le nazioni. Gran parte delle sofferenze, ansie e straordinarie fatiche spese da Ricci in quella che egli chiamava “impresa della Cina” fu consumata a stemperare e vincere quell’ancestrale e quasi irriducibile sentimento. Da diverse prospettive (culturale, religiosa, politica, psicologia, psicoanalitica) potrebbero esser tentate interpretazioni forse complementari di un fenómeno molto complesso, che, nel primo significativo incontro di due mondi fino ad allora reciprocamente ignorantisi, la Cina e l’Europa, assume un valore emblematico».

Como diz ainda Filippo Mignini, o epistolário ricciano oferece-nos como uma lente diferente, paralela aos “Comentários”, para observar e reconstruir não só a experiência de um homem fora do comum, como os chineses o pensavam, mas também as relações entre povos e civilizações que pela primeira vez entravam em comunicação cultural. Havia medo recíproco e impulsos contrários, comportamentos e afectos divergentes.

O medo que os chineses tinham em relação aos estrangeiros e isso verifica-se a cada passo falando das dificuldades da missão. Reconhece que se trata de um outro mundo comparável a uma rocha fechada de há muito, apesar das tentativas feitas para nele entrar.

Ricci escreve em 13 de Fevereiro de 1583: «I Cini (...) sino adesso hanno guardata la loro legge di non lasciare entrare nessun forestiero in sue terre. Adesso pare che il Signore vuol aprire glo occhi a questo regno tanto grande, e non sappiamo come questo *Tutano*, non obstante la legge, admite forestieri. Io, se non m’inganno, di qui a un mese andarò anco dentro dove lui (Ruggieri) sta e anderemo avanti in la lingua e lettere loro».

Como causas desse isolamento e oposição ao estrangeiro, Ricci aponta as seguintes: “reino diferentíssimo de todos os outros do mundo” relativamente aos de fora; sendo amplíssimo e riquíssimo em tudo não precisa de nada vindo de fora; como não têm grande força militar temem serem agredidos; e ainda porque se julgam a única civilização do mundo. E Ricci tem receio que de um momento para o outro seja expulso de lá.

Mas, por outro lado, tem consciência de que os chineses têm grande curiosidade em conhecer coisas que não possuem como a filosofia e a ciência do Ocidente.

Ricci, para vencer o seu medo, apoiou-se na ideia de que o amor de um Deus único, pai de todos os homens; no desejo de transmitir aos outros aquela que ele cria ser a verdade summa e revelada; na obediência inaciana que tinha abraçado; e, finalmente, no desejo do martírio.

Fala da recordação que tem dos companheiro do Colégio Romano esperando que também eles se lembrem de si.

Denuncia o preconceito de considerar os indianos de grau inferior.

Ricci não é um ingénuo admirador da China. Não há preconceitos. Os chineses relativizavam a vida e só pensavam nas coisas da terra sem qualquer interesse pela eternidade. Para ultrapassar o problema, foi encontrado um caminho: Valignano, Ricci e outros compreenderam que havia que proceder a um outro tipo de missão. Havia que aproveitar a base humana do povo chinês e fazer-se chinês. A mensagem cristã não é apresentada como superior e fundada em argumentos históricos, filosóficos, jurídicos e outros. A religião cristã é ensinada dentro dos limites das razões.

Para Filippo Mignini as Cartas podem ser consideradas um documento emblemático da fenomenologia do medo recíproco. Verifica-se nas cartas a existência do medo, da desconfiança dos chineses relativamente a tudo o que é estrangeiro. Ricci e os seus companheiros conseguiram obter a vitória sobre o medo, criando a amizade da China com a Europa, renunciando à ideia da supremacia dos hábitos europeus como sendo uma cultura superior.

O estudo de Sérgio Bozzola, “Esperienza e scrittura nell’epistolario di Matteo Ricci” proporciona ao leitor reflectir sobre certos aspectos das cartas. Começa por tratar de uma carta perdida, facto que tanto intrigou Matteo Ricci; aborda a seguir o tema das estruturas e modelos epistolares, o estilo falado e anti-retórico, e a língua portuguesa, dialecto e língua literária.

Há nas cartas de Ricci referências a Coimbra: na carta já referida a Manuel de Góis: «Depois foi levado ao collegio, que he huma machina como essa de Coimbra porque estaa acabado...»; também na carta a Gran Pietro Maffei igualmente mencionada antes: «Não sey onde esta achará a V. R.: onde quer que for, dee minhas encomendas a os meus amigos: se for em Coimbra, não se esqueça do p. Cipriano etc. Novas de mim são não me poder livrar desta gramática. O anno passado ly em Goa, e contra parecer de todos ly huma lição de grego...»; na carta para Roma a Fábio de Fabii,

de 12 de Novembro de 1592: «Ricordomi che piglai licentia di V. R., per venire a questa Indie, l'anno 1577 in Sancto Andrea; e prima arrivai a Portogallo in Coimbra, dove mi tenni tutto quell'anno e doi mesi de l'anno seguente studiando teologia». Partira de Roma, via Génova, a 18 de Maio, e chegou a Coimbra entre Junho-Julho de 1577.

Ao longo das cartas encontramos frequentes alusões a personagens célebres da Companhia de Jesus e não só, como Cláudio Acquavia, Cristoforo Clavio, Sabatino de Ursis, Michele Ruggieri e Alessandro Valignano; entre os portugueses, lembramos António de Almeida, Domingos Álvares, João Álvares, João Barradas, Valentim Carvalho, Manuel Dias, André Fernandes, Domingos Fernandes, Gaspar Fernandes, João Fernandes, Jorge Fernandes, Sebastião Fernandes, Jorge Ferreira, Bento de Góis, António Leitão, Francisco Lopes, Francisco Martins, Gil da Mata, Domingos Mendes, Pascoal Mendes, João Mesquita, Simão Pais, Manuel Pereira, Nicolau Pimenta, Pedro Ribeiro, João da Rocha, Jerónimo Rodrigues, Duarte Sande, Feliciano da Silva, João Soeiro, Cípriano Suares, Gonçalo da Silva (ou Silveira), Manuel Teixeira, Manuel de Veja, Rui Vicente e Gaspar Viegas; entre os judeus convertidos, temos, por exemplo, Ai Tian, um tal José e Li Zhizao (Leone); são muitos os nomes de autoridades da China que se nos deparam e de amigos chineses de Ricci referidos nas cartas:

São muitas as informações de índole histórica, geográfica, económica, linguística, científica, etnográfica e religiosa que encontramos neste precioso manancial epistolográfico. Na carta a Manuel de Góis fala da existência de uma comunidade cristã antiga de S. Tomé perto de Cochim, a qual parece ter sido criada por esse apóstolo.

A obra conclui um apêndice que é uma carta dirigida de Pequim a 12 de Novembro de 1607 ao P. Gaspar Fernandes S. I., provincial da Índia; com notas da cronologia ricciana, um elenco de caracteres chineses, um glossário dos nomes de pessoas e dos vocábulos mais importantes e um índice analítico.

Manuel Augusto Rodrigues

Universidade de Coimbra e Centro de História da Sociedade e da Cultura da UC.

mrodrigues@ci.uc.pt